

ETNOMÍDIAS INDÍGENAS: RÁDIO YANDÊ E MÍDIA INDÍGENA - EDUCOMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO DE CONTRANARRATIVAS

INDIGENOUS ETHNOMEDIA RÁDIO YANDÊ AND MÍDIA INDÍGENA - EDUCOMMUNICATION AND THE PRODUCTION OF COUNTER-NARRATIVES

Cláudio Henrique Vieira ¹

Resumo

Duas constatações motivaram a escrita do presente artigo: o viés educacional e as contranarrativas produzidas pelas *etnomídias indígenas* – mídias idealizadas e conduzidas exclusivamente por comunicadores indígenas, com foco na valorização das tradições, culturas e questões que impactam a vida dos povos indígenas e nos territórios. As *etnomídias indígenas* fogem dos padrões da mídia hegemônica – da seleção das pautas aos recortes e abordagens – e constroem novas narrativas. São abordadas produções verboaudiovisuais que dialogam com a educação intercultural indígena, denotam atenção especial à juventude indígena, buscando despertar o sentimento de pertencimento e envolvimento na produção de conteúdos. Como *corpus*, são escolhidas as *etnomídias Rádio Yandê e Mídia Indígena* por serem referência no assunto, já a metodologia é baseada na netnografia.

Palavras-chave

indígenas; etnomídia; educação; educcomunicação; decolonização.

Abstract

Two observations motivated the writing of this article: the educational bias and the counter-narratives produced by indigenous ethnomedia – media conceived and run exclusively by indigenous communicators, focusing on the appreciation of traditions, cultures, and issues that impact the lives of indigenous peoples and their territories. Indigenous ethnomedia diverges from the standards of hegemonic media – from agenda-setting to framing and approaches – and constructs new narratives. The article discusses audiovisual productions that engage with indigenous intercultural education, paying special attention to indigenous youth, aiming to evoke a sense of belonging and involvement in content creation. The ethnomedia *Rádio Yandê* and *Mídia Indígena* are selected as the corpus for being references on the topic, while the methodology is based on netnography.

Keywords

indigenous; ethnomedia; education; educcommunication; decolonization.

¹ Jornalista, Mestre em Comunicação Social pela UFMG, Especialista em Produção e Crítica Cultural pela PUC Minas, Professor assistente na PUC Minas. claudiohvieira@gmail.com. <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0009-0002-3750-8679>, <http://lattes.cnpq.br/0195182558434081>.

Introdução

A palavra *etnomídia* nos remete à *etnomidialogia* que, segundo Ferreira (2015), compreende as autorrepresentações midiáticas de grupos socialmente excluídos, minorizados ou “sócio-acêntricos”, conforme o autor descreve por considerar mais abrangente em termos de diversidade. E falar em *etnomidialogia* é tratar de uma comunicação decolonial, é pensar mídias que, lançando mão dos dispositivos sociotécnicos comuns às demais, implementam linguagem e estética próprias na produção e transmissão de conteúdos.

O termo *etnomídia* acompanhado da palavra *indígena* é uma espécie de demarcação ou recorte que tem por objetivo deixar claro origem e vocação, quem produz, as causas que mobilizam as produções, os conteúdos veiculados e parte fundamental da audiência: os indígenas. Mas é evidente que os idealizadores e produtores queiram alcançar também os não indígenas para disseminar conhecimentos ancestrais e/ou sensibilizar para causas, acontecimentos e ações que acabam não tendo o devido espaço e cobertura nas mídias tradicionais. As *etnomídias indígenas* simbolizam mídias decoloniais, produtoras de contranarrativas. Dar a devida atenção às *etnomídias indígenas* é reconhecer os povos originários como sujeitos comunicacionais.

Também não se pode negar a influência, direta ou indireta, que as mídias exercem na audiência. Parte considerável dessa audiência são jovens em idade escolar, o que nos coloca diante do aspecto educacional das *etnomídias indígenas*, justificando a atenção dos comunicadores indígenas à produção de conteúdos que dialoguem com esses jovens e contribuam com a educação intercultural indígena.

Decolonizar a educação e produzir contranarrativas passa por decolonizar o pensamento, compreender uma especificidade, talvez a mais cara aos povos originários: são povos e corpos com episteme própria, o que pede distanciamento de ideias e olhares advindos do senso comum, do *status quo*, dos cânones consolidados nos meios acadêmicos e no inconsciente coletivo. As *etnomídias indígenas* apresentam-se como importantes aliadas no processo disruptivo.

Neste artigo, temos como corpus as *etnomídias Rádio Yandê e Mídia Indígena*. Observamos a perspectiva estratégica da criação, fazer uma panorama das produções e focar a nossa análise em dois conteúdos publicados no canal do *YouTube* das referidas *etnomídias*: Entrevista com Alexandro Kuaray Mirim / Guaraní M'byá; e o videocast *Comunicadores em Ação*: Bitate Uru Eu Au Au, Richard Werá e Salí Guaraní Ñandeva. Buscamos apontar porque tais produções são consideradas contranarrativas e identificar o viés educacional contido.

Elegemos duas temáticas protagonizadas por jovens indígenas de etnias e territórios distintos, cientes que todos os conteúdos têm o mesmo mérito e relevância. Dada a complexidade das questões abordadas, este artigo não dá conta de todas as variáveis, detalhes e discussões que suscitam, motivo pelo qual damos continuidade em novos artigos, pois, trata-se de uma investigação em andamento.

Metodologia

Por serem conteúdos veiculados em ambiente digital, ou seja, produções audiovisuais veiculadas no canal do *YouTube* das referidas *etnomídias*, empregamos o método da netnografia, que busca compreender os fenômenos culturais e as singularidades que permeiam a interação humana no ambiente virtual. A netnografia é “uma adaptação da pesquisa etnográfica que leva em conta as características dos ambientes digitais e da comunicação mediada por computador” (Corrêa; Rozados, 2017, p. 2).

Em *Netnografia, realizando pesquisa etnográfica online*, Kozinets (2014) afirma:

O uso do termo netnografia, nesse caso, representaria a tentativa do pesquisador de reconhecer a importância das comunicações mediadas por computador nas vidas dos membros da cultura, de incluir em suas estratégias de coleta de dados a triangulação entre diversas fontes on-line e offline de compreensão cultural (Kozinets, 2014, p. 62).

A netnografia surgiu em função da necessidade de pesquisadores abordarem o mundo on-line em suas pesquisas. A internet permite o estudo de recursos de comunicação multimídia como textos, áudios e vídeos, que enriquecem o material da pesquisa, consomem menos tempo, são menos dispendiosos e menos invasivos, já que podem ser tomados como uma janela para o pesquisador, de onde ele observa sem intervir diretamente no processo por não estar presente fisicamente, conforme aponta Kozinets (2014) – motivo pelo qual adotamos a referida metodologia neste artigo. Mas há que se tomar cuidado para evitar equívocos que levem a interpretações errôneas de determinados fenômenos que os documentos e as interações on-line podem levar.

Educação intercultural indígena

Uma das grandes conquistas dos movimentos dos povos originários, protegida pela Constituição de 1988, é a educação escolar indígena com proposta “diferenciada, específica, bilíngue e intercultural”, conforme destaca Grupioni (2008, p. 37). Uma proposta que garante às comunidades indígenas a utilização das línguas maternas e valoriza os processos próprios de aprendizagem.

A proposta em questão nasce na década de 1970, conforme aponta Baniwa (2007) no relatório intitulado: “Cenário Contemporâneo da Educação Escolar Indígena no Brasil”.

A proposta de educação escolar indígena intercultural, bilíngue e diferenciada surgiu como contraponto ao projeto colonizador da escola tradicional imposta aos povos indígenas. Surgiu na década de 1970 entre os povos indígenas do Brasil, incentivados e apoiados por seus aliados. Apenas duas décadas seguintes, o governo, através do Ministério da Educação, incluiu o tema na sua agenda de discussão, forçado pelas críticas e pressões dos índios e da opinião pública nacional e internacional, que acusavam o governo de etnocídio (Baniwa, 2007, p. 5).

Contudo, não basta a Constituição prever a educação intercultural indígena, é preciso considerar a implantação adequada a cada território e a série de ações que envolve a implantação – formação dos profissionais, construção dos espaços adequados, aquisição de equipamentos, material didático apropriado, remuneração dos profissionais, entre outras ações.

Ao mesmo tempo, há que se pensar no que aponta Baniwa (2007) sobre a importância da valorização das escolas nos territórios de origem para as comunidades e o enfrentamento às demandas locais, evitando, assim, o crescente êxodo para os grandes centros urbanos sem intenção de retorno e/ou evasão escolar.

A implantação do ensino médio indígena tem o propósito de possibilitar que as escolas indígenas, com projetos políticos pedagógicos (currículos e regimentos) próprios, assumam efetivamente seu papel para contribuir na solução dos problemas enfrentados pelas comunidades, enquanto centros de construção dos diferentes saberes: acadêmico, popular e tradicional indígena, com formação para atuarem nas comunidades de origem, como sujeitos de sua própria história, bem como com capacidade para enfrentar o mundo da sociedade envolvente, como forma de evitar o êxodo das terras indígenas e a evasão escolar por meio da afirmação e valorização da identidade cultural (Baniwa, 2007, p. 3).

E falar em valorização da identidade cultural é abordar uma educação intercultural indígena bilíngue/multilíngue, uma escola na perspectiva indígena, de fato e de direito. Infelizmente, as tomadas de decisões nessa área ainda são, predominantemente, dos não indígenas. Fruto de muitos esforços, temos acompanhado a ampliação da participação dos indígenas na esfera política, em espaços voltados para a proposição, desenvolvimento e gestão de projetos, vide a criação do Ministério dos Povos Indígenas, em 1º de janeiro de 2023. Embora as questões educacionais, de modo mais específico, não sejam concentradas nesse Ministério – a criação em si é um grande avanço e nos remete à crítica feita pelo educador Eá Borum:

É preciso que o Ministério dos Povos Indígenas articule as bases políticas da educação decolonial independente daquelas erigidas pelo Ministério da Educação – MEC (estão atreladas ao Banco Internacional) e filtrar do neoliberalismo inseridos nas bases curriculares aquilo que não nos enfraquece ou nos torna sociedade para consumo e trabalho compulsório em situação de exploração. Talvez, o maior desafio para a educação dos povos originários reside nesta questão, pois vai de encontro com as angústias da sociedade contemporânea (Eá Borum, 2024, on-line²).

Eá Borum reitera a importância e o papel da educação indígena decolonial, da produção de contranarrativas escolares, narrativas que valorizem e potencializem conhecimentos originários em vez de apagá-los, narrativas que fujam ao padrão da educação hegemônica, do ensino pasteurizado.

2 Matéria publicada no site da Rádio Yandê. Disponível em: <https://radioyande.com/desafiando-paradigmas-a-jornada-da-educacao-indigena-no-brasil-contemporaneo/>. Acesso em: 23 jan. 2024.

Ainda que não tenhamos escolas indígenas no modelo vislumbrado por Eá Borum, alinhado ao pensamento de Baniwa, “segundo suas próprias referências pedagógicas, cosmológicas, ontológicas e epistemológicas” (Baniwa, 2019, p. 62), não se pode negar o avanço que a Constituição promoveu em termos de escola indígena intercultural nos territórios e nas cidades.

Reconhecemos que a proposta de escola indígena intercultural está contribuindo para transformar a escola tradicional para índios – totalmente colonial, negadora de culturas, saberes e línguas – em escolas com forte protagonismo indígena e com currículos menos eurocêntricos. Uma escola dinâmica e em movimento, portanto uma escola praticando a cultura do diálogo, da complementariedade e da dialética intercultural. [...] as distintas culturas, os distintos saberes e as distintas cosmovisões presentes, envolvidas e acionadas pela escola estão em constante movimento circular, interativo e de conexões intermundos, sem a arrogância vertical e hegemônica da ciência ocidental colonizadora (Baniwa, 2019, p. 62).

As ideias de Baniwa nos remetem às palavras de Carneiro da Cunha (2009) quando esta diz que a “educação intercultural coloca em diálogo regimes de conhecimento díspares” (Carneiro da Cunha, 2009, p. 11). O não indígena, com o objetivo de apagamento das culturas originárias, hierarquizou os saberes dando a ver o seu conhecimento como superior e civilizatório.

Todavia, regimes de conhecimento nos lembram a definição de “cultura” (com aspas) de que fala Carneiro da Cunha (2009). Segundo a autora, “cultura” traz consigo a ideia de reflexividade, tem um efeito coletivizador: todos a possuem e por definição todos a compartilham” (Carneiro da Cunha, 2009, p. 355). “Cultura” contempla a ideia de agregar, aproximar, trocar, incorporar elementos culturais do outro.

Taukane (2001) lembra que só começou a olhar criticamente para a educação escolar indígena quando estava se preparando para o mestrado, em 1994, e percebeu que ela mesma era fruto de uma educação de negação, de desvalorização das culturas originárias. “Fui me revendo: como fui educada nos moldes de uma educação para que eu me tornasse uma pessoa civilizada” (Taukane, 2001, p. 15).

Desconstruir a educação de negação e o epistemicídio indígena passam por iniciativas construídas nos movimentos indígenas, a apropriação do espaço escolar, o entendimento e o acolhimento desses povos como sujeitos comunicacionais. E reconhecer os indígenas como sujeitos comunicacionais nos remete à etnocomunicação, a projetos e instrumentos comunicacionais aliados de uma educação decolonial e intercultural como são as *etnomídias indígenas*. Vale destacar que a contextualização e a ampla abordagem de questões ligadas aos povos originários não estão desconectados da história econômica, política, social, cultural e comunicacional brasileira e da América Latina sob o rótulo de “ancestralidade”.

Etnomídia indígena: narrativas contra-hegemônicas

No final da década de 1970, em resposta aos desmandos do Estado ditador, surgiu a União das Nações Indígenas (UNI), que reunia estudantes indígenas de Brasília, Campo Grande, Cuiabá e São Paulo e lideranças das aldeias. Os povos indígenas se apropriam dos meios de comunicação de massa [...] e a UNI edita um jornal impresso, o *Jornal Indígena*.

Em junho de 1985, a *Rádio USP* exibiu a primeira edição do *Programa de Índio*, apresentado por Álvaro Tukano, Ailton Krenak e Biraci Yawanawá, segundo Pappiani (2012). O programa foi criado para divulgar culturas, tradições, histórias e, sobretudo, ser um canal de defesa dos direitos indígenas, bem como diálogo com a sociedade não indígena.

O rádio surge como resposta às necessidades do movimento indígena nesse momento. Por suas características básicas que, de forma empírica, os indígenas já sabiam identificar: o uso da linguagem oral, a possibilidade do uso de outros idiomas na comunicação, o baixo custo e a facilidade na produção, a abrangência de um grande público, a possibilidade de gravar programas em fitas cassete e distribuir às aldeias ampliando o tempo de vida do programa, a possibilidade do uso de outras linguagens na comunicação como as histórias, as narrativas tradicionais, a música, os sons naturais das aldeias (Pappiani, 2012, p. 111).

De lá pra cá, a tecnologia digital e a convergência das mídias facilitaram as condições de produção e transmissão dos conteúdos. As *etnomídias indígenas*³ atuais, ao mesmo tempo em que bebem nessa fonte, representam a expansão de projetos como o *Jornal Indígena* e a *Rádio USP*, seguem no papel de catalisadoras dos acontecimentos, dentro e fora dos territórios indígenas, aglutinam interesses e mobilizam forças.

A *Rádio Yandê* e a *Mídia Indígena*, bem como as etnomídias citadas anteriormente, são resultado da apropriação e ressignificação dos espaços midiáticos, até então, monopolizados pelos donos do capital, por consequência, controladores das narrativas. Os indígenas mudam as mídias por dentro, ou seja, lançando mão de técnicas e dispositivos sociotécnicos, descolonizam a produção dos conteúdos. Mas Gomes (2022) ressalta que as *etnomídias indígenas* não começam na dominação da tecnologia e, sim, nas diversas práticas atravessadas pela tecnologia da oralidade, do corpo e da natureza.

A produção das contranarrativas etnomidiáticas opera no distanciamento aos espelhos, no rompimento com o grupo "superior" e às fronteiras definidas pelo Ocidente, conforme Torrico (2019). A etnocomunicação demarca um lugar muito particular de cada sujeito comunicacional indígena e influencia visões da própria comunidade sobre seu corpo no espaço midiático, os olhares dos não indígenas para as realidades e idiosincrasias dos povos originários.

3 O conceito etnomídia indígena ganha respaldo no Departamento de Comunicação da Faculdade de Comunicação da UFBA, a partir do registro junto ao CNPq, em 1997, segundo Tupinambá (2018).

Somos convocados a fazer parte de uma revolta multidimensional na esfera comunicacional que, a partir da perspectiva subalterna, mude os âmbitos de sua epistemologia e ontologia, renove sua teorização e indagação e revitalize sua prática cotidiana com um norte humanizante e emancipador (Torrico, 2015, p. 109, tradução nossa)⁴.

Nas últimas décadas a expressão “protagonismo indígena” tem sido lida e ouvida com frequência, fruto dos movimentos indígenas, da Constituinte de 1988, da atuação dos povos originários em diversas áreas, do diálogo com a sociedade e projetos como as *etnomídias indígenas*. Sobre a definição de *etnomídia indígena*, Renata Machado Tupinambá afirma:

Etnomídia é comunicar expressando sua identidade étnica para que exista um real empoderamento na apropriação das novas tecnologias pelos povos e culturas que a usam como ferramenta, fugindo da colonização audiovisual ou midiática dos formatos de mídia padronizados pelo pensamento ocidental, apresenta uma natureza contra-hegemônica (Tupinambá, 2018, on-line).

A fala de Renata traduz uma subversão à lógica ocidental e dialoga com Carneiro (2019) quando diz que as sabedorias dos indígenas são pouco discutidas, pouco ou nada tensionadas em sua dimensão comunicacional. A dimensão comunicacional das *etnomídias indígenas* revela, ainda, seu caráter educacional, visto que os conteúdos são pensados para serem compartilhados e repercutidos entre estudantes e educadores indígenas. O aspecto educacional se dá, também, a partir da atenção dos comunicadores indígenas aos conteúdos escolares como potenciais pautas para futuras produções etnomidiáticas. A educação indígena tem caráter libertador, emancipatório, contribui amplamente para o reconhecimento dos sujeitos comunicacionais indígenas, para as mobilizações e a autogestão.

Rádio Yandê e Mídia Indígena – educação e contranarrativa

No idioma tupi-guarani, a palavra “yandê” significa, ao mesmo tempo, “nós” e “nosso”. Não por acaso, dá nome à primeira webrádio indígena do Brasil. A *Yandê*⁵ foi criada, em 2013, por Anápuaka Muniz Tupinambá, Renata Machado Tupinambá e Denilson Baniwa⁶, nasceu com a missão de ser educativa e difundir as culturas indígenas, conforme destaque em seu canal no *YouTube*.

4 “Estamos, pues, convocados a hacernos parte de una revuelta multidimensional en la esfera comunicacional que, desde la perspectiva subalterna, remueva los ámbitos de su epistemología y ontología, renueve su teorización e indagación y revitalice su práctica cotidiana con un norte humanizante y emancipador” (Torrico, 2015, p. 109).

5 Disponível em: <https://radioyande.com/>.

6 Anápuaka é filho de pai indígena e mãe negra. Dos 8 aos 13 anos, viveu o cotidiano na aldeia Tupinambá, no sul da Bahia, mudou-se para o Rio de Janeiro para estudar em “escola de branco”. Desde cedo, percebeu a importância do diálogo com outros povos e a necessidade de se criar espaços de protagonismo para os indígenas. Renata Machado nasceu em Niterói (RJ) e atua, desde 2006, na difusão das culturas indígenas por meio de projetos culturais e etnocomunicação. Renata é documentarista, roteirista, poeta, curadora e artista visual. Denilson Baniwa, natural do Rio Negro (AM), radicado em Niterói (RJ), é designer, ilustrador, curador, um dos artistas visuais mais importantes da atualidade e com uma produção artística vigorosa.

A Rádio Yandê é educativa e cultural. Yandê é a nossa rádio, para "você" e todos 'nós' [...]. Temos como objetivo a difusão da cultura indígena através da ótica tradicional, mas agregando a velocidade e o alcance da tecnologia e da internet. Nossa necessidade de incentivar novos "correspondentes indígenas" no Brasil, faz com que possamos construir uma comunicação colaborativa muito mais forte, isso comparado às mídias tradicionais de Rádio e TV. Estamos certos, de que uma convergência de mídias é possível, mesmo nas mais remotas aldeias e comunidades indígenas, e que isso é uma importante forma de valorização e manutenção cultural (YouTube: @radioyande924, 2015).

A *Yandê* mantém diálogo com etnias inseridas em contextos diversos, todas com histórico de luta e resistência, atuantes em seus respectivos territórios ou fora deles. A conexão com povos de outros países é fundamental porque a audiência nacional tem a oportunidade de conhecer outras realidades, estabelecer diálogos, aprofundar ou mesmo esclarecer informações veiculadas nas mídias tradicionais que, quase sempre, merecem ressalvas e correções.

Vale o destaque para alguns vídeos publicados no canal da *Yandê* no YouTube⁷, contranarrativas de viés educ comunicativo: *Etnomídia* é dedicado a explicar a origem, o conceito e papel das *etnomídias indígenas*; *Darlene Taukane Bakairi – Educação Indígena*, entrevista com a primeira indígena, natural do Mato Grosso, mestra em Educação, escritora, pesquisadora e professora; *Os desafios da educação escolar indígena em MS*, entrevista com o professor Arcenio Dias, indígena do Povo Terena, da Aldeia Limão Verde (MS); *Sawê – um canto de união*, curta-metragem sobre os ataques aos povos indígenas que habitam as margens do Rio Juruena; *Entrevista com Alexandro Kuaray Mirim, Guarani M'byá*, um dos produtores do curta-metragem *A Casa de Reza Guarani*.

Na plataforma oficial da *Yandê*⁸, em aprimoramento e expansão, também encontramos matérias que abordam temas diversos: da educação intercultural bilíngue/multilíngue à questão territorial – textos e ilustrações de autoria indígena. Não por acaso, a primeira matéria de 2024, publicada no site da *Yandê*, traz a temática educacional: "Desafiando Paradigmas: A Jornada da Educação Indígena no Brasil Contemporâneo"⁹, de autoria do professor indígena Eá Borum, que tem longa experiência como educador. Borum chama atenção para a construção de uma educação multiétnica, indígena e ancestral e sugere o resgate às matrizes culturais e filosóficas, uma educação efetivamente descolonizada, propósitos que aproximam educação, *etnomídia indígena* e produção de contranarrativas.

Outras publicações da plataforma também dão a ver contranarrativas de viés educ comunicativo: 20 de janeiro, Dia Nacional da Consciência Indígena e o Dia da Cultura e Memória Tupinambá; 20 Frases capacitistas que você deve parar de usar agora mesmo sobre os povos indígenas; *Rádio Yandê* e *Rádio Mixtura*: Unindo vozes indígenas das aldeias às periferias; O turismo sustentável e a visita às comunidades indígenas como forma de valorização cultural.

7 Disponível em: <https://www.youtube.com/@radioyande924>. Acesso em: 20 jan. 2024.

8 Disponível em: <https://radioyande.com/>. Acesso em: 20 jan. 2024.

9 Disponível em: <https://encurtador.com.br/sJOS7>. Acesso em: 20 jan. 2024.

Durante o Seminário FIEI – 2020/2021: Culturas digitais e mídias indígenas¹⁰, na mesa intitulada *Etnomídias indígenas*¹¹, Anápuàka Tupinambá chama atenção para as etnomídias como veículos educacionais, a preocupação que se deve ter com a produção de conteúdo voltada para estudantes que pretendem ir para a universidade e a atenção a uma linguagem que dialogue com esses jovens.

Anápuàka ressalta que a *Yandê* está disponível para estudantes interculturais como espaço de ocupação e aponta o desafio de fazer os jovens indígenas se apropriarem das etnomídias como ferramenta de luta. “Não adianta captar grana apenas porque, quando o dinheiro acabar, os jovens vão abandonar o projeto” (Anápuàka, on-line). Ou seja, a continuidade e sustentabilidade vêm do sentimento de identificação e apropriação efetiva das etnomídias.

A comunicação indígena “implica em apreender a educação de uma cultura como premissa etnocomunicacional” (Carneiro; Maldonado; Muniz Tupinambá, 2021, p. 12). Não por acaso, a equipe da *Rádio Yandê* e da *Mídia Indígena* têm por princípio, ao longo do processo de produção dos conteúdos, a escuta atenta aos interlocutores de cada etnia, a valorização das especificidades culturais, das respectivas e mais urgentes demandas para darem melhor direcionamento às pautas e abordagens, de modo que as publicações sejam coerentes com as escutas e realidades nos territórios.

A etnomídia criada por um povo indígena não funciona para outro povo indígena. Isso ocorre porque a linguagem comunicativa de cada povo está conectada à sua história, cultura, costumes e tradições. Embora as culturas sejam flexíveis e mutáveis, a linguagem comunicativa étnica estará sempre em constante mudança e evolução. Somente os próprios povos indígenas podem criar e aplicar a etnomídia indígena em usos práticos, utilizando elementos primários como culturas, memórias, histórias, patrimônios, linguagens e ferramentas de comunicação (Muniz Tupinambá, 2016, p. 30).

Além da *Yandê*, a *Mídia Indígena*, originalmente *Mídia Índia*¹², também ocupa um grande território midiático, é o maior veículo de comunicação formado por indígenas. A *Mídia Indígena* começou oficialmente em abril de 2017, no Acampamento Terra Livre (ATL), com o objetivo de “falar – em primeira pessoa – das culturas indígenas sem precisar que os brancos falem”, afirma Erisvan Bone Guajajara (2020), um dos fundadores, formado em jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

A *Mídia Indígena* consolidou-se com jovens de etnias diversas – uma parte formada em comunicação, 128 capacitados por oficinas e mais de 60 correspondentes de diferentes localidades do Brasil. São seis anos de dedicação, conquistando um lugar importante na difusão das pautas e temas transversais à causa indígena. Bone Guajajara (2020) ressalta que as publicações nas redes sociais digitais representam uma fonte confiável e oficial de consulta para os próprios indígenas, uma ferramenta a mais na cobrança dos direitos.

10 Disponível em: <https://fiei.fae.ufmg.br/seminario-fiei-2020-2/>. Acesso em: 1 fev. 2024

11 Disponível em: <https://fiei.fae.ufmg.br/seminario-fiei-2020-2-atv-2/>. Acesso em: 1 fev. 2024.

12 A mudança da nomenclatura ocorreu em 19 de abril de 2023, com intuito de evitar aproximação com o jeito depreciativo a que os não indígenas se referem aos indígenas. Plataforma oficial disponível em: <https://www.midiaindigena.org/>.

"Comunicar e (re)existir", reitera Bone Guajajara (2020) em referência à ocupação dos espaços midiáticos virtuais pelos povos indígenas e à importância do protagonismo na produção comunicacional. É virtual, mas é territorial. O jovem comunicador indígena explica que a *Mídia Indígena* só é possível porque está enraizada nos territórios com os povos indígenas. "A gente se aprimorou nas tecnologias para fazer nosso território digital indígena" (Bone Guajajara, 2020, on-line).

Podemos dizer que "demarcar telas e ocupar as redes" são ações de contrapor por meio da comunicação, são iniciativas potentes e cada vez mais sólidas. Bone Guajajara (2020) reitera a fala e o modus operandi dos fundadores da *Yandê*, ao dizer:

A Mídia Indígena é projeto de uma rede de comunicação descentralizada que produz e difunde conteúdos e pautas inerentes à questão indígena no Brasil, respeitando as especificidades de cada povo, a partir da lógica colaborativa de compartilhamento e de comunicação, conectando e empoderando os jovens indígenas de todo o país. Possibilita a troca de tecnologias, experiências e principalmente a representatividade indígena nos meios de comunicação com a difusão de suas lutas e como mais uma ferramenta de exigência de direitos (Bone Guajajara, 2020, on-line).

O coletivo também oferece formação aos jovens indígenas durante viagens e encontros com outros povos. As aulas abordam como produzir fotos, vídeos e utilizar as redes sociais de maneira responsável. Bone Guajajara (2020) lembra que o coletivo foca também em conteúdos que ajudem a promover a igualdade de gênero e a temática LGBTQIA+ nas aldeias, motivo pelo qual criaram o *Coletivo Tibira*, grupo voltado para o combate à homofobia nas aldeias.

Os conteúdos disponíveis na plataforma da *Mídia Indígena*¹³ são referentes ao meio ambiente e ao ATL 2023. As abas na parte superior sinalizam as respectivas temáticas: no Início, lemos a apresentação e acessamos três entrevistas produzidas pelo coletivo com três mulheres indígenas – Célia Xakriabá, Sônia Guajajara e Tsitsina Xavante – sobre direito ao território e respeito ao meio ambiente; *Donos da Terra* é uma websérie em três episódios, apresentada por Eric Terena, co-fundador do Coletivo *Mídia Indígena*, e trata "dos equívocos existentes na tese do Marco Temporal"; *Notícias ATL 2023* traz a cobertura jornalística do movimento; na *Galeria ATL 2023*, encontramos registros fotográficos; as seções *Fala Mídia Índia Podcast* e *Mais* ainda estão sem conteúdos disponíveis.

No canal do coletivo no *YouTube*, intitulado *TV Mídia Indígena*¹⁴, os conteúdos também chamam atenção para as contranarrativas e o viés educacional. Durante o ATL 2023, foi produzida uma série de videocasts, todos conduzidos por Eric Terena. Destacamos: *Comunicadores em Ação: Bitate Uru Eu Au Au*, Richard Werá e Salí Guaraní Nandeva, que aborda a atuação dos comunicadores indígenas nos territórios de origem; *TV: Dandara Queiroz*, em que Eric conversa com a artista sobre trabalhos

¹³ Disponível em: <https://www.midiaindigena.org/>.

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/@tvmidiaindigena>.

recentes e de projeção nacional; já *Fulti-ô e Odoriê* é um bate-papo sobre música indígena contemporânea.

Além dos videocasts, encontramos no canal *TV Mídia Indígena: II National March of Indigenous Women, 2021; Líder na Marcha pelo Clima COP26; Cura da Terra*, o depoimento de cinco mulheres indígenas sobre o tema; *Radar Mídia Índia*, notícias sobre a realidade dentro dos territórios; *Maracá Emergencial*, documentário em seis episódios sobre questões culturais e ambientais; *Trilhas indígenas*, o universo das músicas tradicionais indígenas; *podcast Fala Mídia Índia*, com temas diversos; entre outros.

Contranarrativas em destaque

1. Entrevista com Alexandro Kuaray Mirim, Guarani M'byá

Figura 1 – Entrevista com Alexandro Kuaray Mirim – Guarani M'byá



Fonte: Print do YouTube¹⁵.

A entrevista acontece no território M'byá, em Paraty (RJ), tem aproximadamente oito minutos, é conduzida de modo informal por Anápuàka Tupinambá, que permanece em *off* todo o tempo. Percebemos, pelo enquadramento e tremidos na imagem, que o registro foi feito com uma câmera na mão. O jovem Alexandro, um dos produtores do curta-metragem *A Casa de Reza Guarani M'byá*¹⁶, fala das motivações do curta:

Eu me interessei mais por vídeo pra divulgar mais a nossa cultura diante da câmera. [...] Eu mesmo quando eu estudo, a gente só aprende a cultura dos portugueses e outros países e não a nossa cultura que vive aqui no Brasil, né? E por isso eu me interessei em fazer um documentário sobre a Casa de Reza, né? (Kuaray Mirim, 2016, on-line).

A fala de Alexandro deixa evidente a consciência que tem do papel educativo do registro cultural feito por ele e outros jovens da mesma etnia. O indígena

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/@radioyande924/videos>

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iDGwR7jVXmQ&t=0s>. Acesso em: 5 fev. 2024.

reitera que a Casa de Reza¹⁷ é um lugar sagrado para o seu povo, lugar de prática de rezas e rituais coletivos frequentes, e podem se estender por muitas horas. Alexandro destaca a importância e o cuidado que se deve ter ao fazer o registro verboaudiovisual da cultura originária para posterior compartilhamento:

Eu mesmo falei pro grupo que uma coisa muito importante que a gente tem é o documento pra provar que a gente tem uma cultura forte. Nós sentamos e conversamos que é uma responsabilidade muito grande porque a gente vai expor, né, nas redes pras pessoas verem. Nós falamos com meu avô, né? Aí ele concordou em tá disponibilizando pra gente tá divulgando não só pras pessoas que não conhecem, mas pros jovens que vão vim, futuramente, né? (Kuaray Mirim, 2016, on-line).

Ainda que seja tímido e de poucas palavras, nota-se que o discurso de Alexandro, diante da câmera da *Yandê*, é direcionado aos mais jovens e às futuras gerações, constatação que o projeta a um lugar de referência para educadores e estudantes indígenas, reafirma o viés educacional da entrevista e alinhamento ao discurso de Anápuaka Tupinambá sobre a atenção das etnomídias à audiência jovem e ao diálogo com a educação intercultural indígena na construção de novas narrativas.

O mote da entrevista – o documentário criado pelo grupo de jovens indígenas sobre um símbolo importante da tradição *M'byá* – e a estética da gravação dando agência à Alexandro e à Casa de Reza, cuja reconstrução foi registrada pelos jovens cineastas, evocam e tecem memórias. Quando Alexandro menciona ter entrevistado o avô, Cacique Miguel, notamos, além do respeito à pessoa mais velha da aldeia e à sabedoria ancestral que carrega, a atualização da tradição e da memória pelo relato oral, pelo compartilhamento do registro verboaudiovisual, sobretudo, com os indígenas mais novos e os que virão.

A Memória é um vínculo com o passado sem abrir mão do que se vive no presente. É ela quem nos coloca em conexão profunda com o que nossos povos chamam Tradição [...]. é quem comanda a resistência, pois nos lembra que não temos o direito de desistir caso contrário não estaremos fazendo jus ao sacrifício de nossos primeiros pais. É a memória que nos lembra de que somos fio na teia da vida. Apenas um fio. [...]. Mas precisa ser atualizada constantemente num movimento cíclico que acompanha o tempo cronológico do qual somos vítimas preferenciais. (Munduruku, 2012, p. 181).

Atualizar passado no presente diz muito do fazer etnomidiático. A entrevista da *Yandê* à Alexandro nos ajuda a compreender esse aspecto: da escuta de um indígena *Tupinambá* a um indígena *M'byá*, passando pela escuta de um jovem *M'byá* à figura

17 Os Mbya (e os Nandeva) constroem e mantêm uma casa para a prática de rezas e rituais coletivos, *opy guaçu*, localizada próxima ou mesmo agregada à casa do tamöi. Orientadas pelo dirigente espiritual as “rezas” – realizadas através de cantos, danças e discursos – também voltam-se às situações e necessidades corriqueiras (colheita, ausência ou excesso de chuva, problemas familiares, acontecimentos importantes, imprevistos etc.). A principal cerimônia realizada na *Opy* é o *Nheemongarai*, quando os cultivos tradicionais são colhidos e “abençoados” e são atribuídos os nomes às crianças nascidas no período. O *nheemongarai* deve coincidir com a época dos ‘tempos novos’ (*ara pyau*), caracterizado pelos fortes temporais que ocorrem no verão. Fonte: Povos Indígenas no Brasil – PIB. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Mbya#Organiza.C3.A7.C3.A3o_social.2C_pol.C3.ADtica_e_religiosa. Acesso em: 2 fev. 2024.

mais velha da aldeia, ao registro audiovisual de ambos com os mesmos objetivos: que as tradições e culturas originárias sejam compartilhadas e não se percam, que a sabedoria ancestral seja resguardada, que as gerações futuras entendam a dimensão simbólica dos rituais a partir de espaços sagrados como a Casa de Reza.

Ainda temos o invisível contido no registro da entrevista ao jovem *M'byá*, o contido no extracampo visto que falamos de uma narrativa que evoca o símbolo de uma tradição, a Casa de Reza, e do relato de um indígena, cujo corpo é dotado de epistemologia própria. Falamos de um espaço-tempo que escapa da oralidade e do registro verboaudiovisual feito pela *Yandê*, e do que este provoca na imaginação da audiência. Visualizamos o que emerge da fricção entre o que é narrado, o corpo em cena e o que é captado pela câmera.

Outra abordagem da entrevista chama a nossa atenção: ao final, Anápuàka pede para Alexandro convidar “os ouvintes a assistirem” o documentário e comenta que o vídeo que está sendo gravado é uma “metamídia indígena”¹⁸ nas palavras dele, uma mídia dentro da outra, os conteúdos produzidos para o *YouTube* veiculados também na webrádio.

Alexandro faz o convite em português e no idioma originário, tupi-guarani, o que agrega um elemento importante ao registro etnomidiático: a divulgação da língua nativa com objetivo de valorização cultural, de recuperar e mantê-la viva, reiterando o viés educacional da entrevista bem como do documentário. Lembrando que o idioma traz consigo a história e a memória dos povos.

2. Comunicadores em Ação: Bitate Uru Eu Au Au, Richard Werá e Salí Guaraní Ñandeva

Figura 2 - Videocast - Comunicadores em Ação: Bitate Uru Eu Au Au, Richard Werá e Salí Guaraní Ñandeva



Fonte: Print do YouTube¹⁹.

¹⁸ Tem por objetivo otimizar tempo, recurso e ampliar o alcance dos conteúdos. Anápuàka explica que a prática consiste em extrair os áudios dos vídeos, gravar um off introdutório, criar uma vinheta de apresentação e inseri-los na programação da webrádio ou publicá-los como um novo episódio do podcast da *Yandê*, como foi o caso das Lives sobre arte indígena. Vale ressaltar que a prática também é adotada pelas mídias tradicionais.

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@tvmidiaindigena/videos>

A gravação do *videocast*²⁰ acontece em um estúdio montado temporariamente, durante o ATL 2023, em Brasília. Eric Terena faz a mediação e, logo após a saudação aos entrevistados, pergunta sobre o trabalho de comunicação feito nos territórios onde vivem, além do trabalho nas redes sociais. “eu queria que vocês contassem pra gente um pouco dessas estratégias que vocês trazem junto com a comunidade”, comenta Terena (2023, on-line). Bitate, pertencente ao povo *Uru-Eu-Wau-Wau*, Rondônia, responde:

Lá somos quatro comunicadores né, que tá começando agora. Começamos com dois, agora a gente tá expandido em todo o território assim, vamos dizer, e tá sendo uma experiência muito incrível porque a gente sabe que a gente tem uma arma muito forte que é os nossos celulares, que é a nossa câmera, nossos filmadoras e também nossos drones, né? E isso pra gente nos fortalece muito nessa questão territorial e principalmente para nossa segurança também (Uru-Eu-Wau-Wau, 2023, on-line).

A fala de Bitate: “a gente sabe que a gente tem uma arma muito forte”, chama atenção para a potência do registro instrumentalizado pela tecnologia digital e como os dispositivos sociotécnicos têm papel importante para tais registros, sem esquecer que a tecnologia mais importante é a ancestral. A *etnomídia indígena* começa nas diversas práticas atravessadas pela tecnologia da oralidade, do corpo e da natureza, relembrando o que aponta Gomes (2022).

Ao falar da defesa aos territórios frente à truculência dos invasores, Bitate reitera a produção das contranarrativas, visto que, historicamente, as mídias tradicionais hegemônicas pecam nesse tipo de cobertura ao negligenciar invasões e violências ou quando não tomam o devido cuidado no processo de apuração e escuta aos povos originários, resultando em coberturas rasas, questionáveis e tendenciosas. Lembrando que Rondônia é uma região marcada por muitos conflitos entre invasores e indígenas.

Eric Terena reforça o discurso da importância das *etnomídias indígenas* na cobertura desses conflitos no território dele também, Mato Grosso do Sul.

Mato Grosso do Sul, é uma das regiões assim muito complicadas assim de você se expor, dar a cara, principalmente para poder falar sobre comunicação dentro dos espaços. Nós não temos jornalistas indígenas efetivamente falando sobre apenas nossas pautas nas redações se não for os nossos próprios coletivos, né? (Terena, 2023, on-line).

Terena destaca a falta de representatividade dos povos originários nas redações, fato comprovado em pesquisa de 2021²¹. Reverter esse quadro é tomar as rédeas, ressignificar as mídias e criar narrativas alinhadas às realidades dos povos originários, às pautas indígenas, conforme destaca ele. Voltamos à constatação de que a atuação das *etnomídias indígenas* é decolonial por natureza. “O objetivo de descolonizar os meios não é apenas na forma de usar essas ferramentas ou produzir notícias de temática

20 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oylGQswRVQ4>. Acesso em: 6 fev. 2024.

21 Perfil racial da imprensa brasileira. Disponível em: <http://bitly.ws/FKyS>. Acesso em: 23 nov. 2023.

indígena, mas também mudar pensamentos reproduzidos por anos nelas” (Tupinambá, 2016, on-line).

A participação no *videocast* da indígena Salí, originária do povo Guarani Nhandeva, Mato Grosso do Sul, endossa a fala de Bitaté e Eric Terena no sentido da atuação dos comunicadores indígenas nos territórios de origem.

A comunicação no meio dos povos, principalmente do Guarani, praticamente é uma ameaça para os fazendeiros, ruralistas e também dar cara né, principalmente porque os rezadores mesmo, quando você vai fazer uma, digamos, uma entrevista com eles para contar o que realmente acontece, dá cara para as telas, eles não falam não, ficam com medo por conta desses fazendeiros que ameaçam, que vivem perseguindo. Se não for eles sendo perseguidos a si próprios, perseguem a família, os filhos e toda a família que vive nesse território (Guarani Nhandeva, 2023, on-line).

Ao dizer “a gente vai ocupando esse lugar”, Salí aponta para a lacuna deixada pela mídia hegemônica quando esta dedica-se a uma narrativa senso comum, que privilegia um único ponto de vista: o do colonizador, do não indígena. Nesse sentido, o *videocast* produzido pela *Mídia Indígena* é educacional, didático para o entendimento das contranarrativas, “uma forma de insurgência a essa cascata de imagens negativas coladas aos povos indígenas nesses quinhentos e vinte anos de colonização” (Demarchi, 2022, p. 66). Ao mesmo tempo, a figura de Salí chama atenção para a participação das mulheres nas *etnomídias indígenas*:

eu já trabalhava como comunicadora para os jovens Guarani-kaiowá [...] e chamei mais dois que trabalhava mais tempo comigo dentro da juventude, que é Raji, e a gente vai ocupando esse lugar, mostrando o que é a luta nos território Guarani-Kaiowá, mostrando para o mundo as ameaças, os massacres que estão acontecendo nos territórios, principalmente, nas retomadas (Guarani Nhandeva, 2023, on-line).

O *videocast* tem o mérito de chamar atenção também para os indígenas que residem nos grandes centros urbanos, na pessoa do terceiro entrevistado, Richard Werá, pertencente ao povo Guarani. Éric Terena destaca que, no contexto urbano, São Paulo é a área com a maior população indígena, além de Manaus.

Richard Werá traz duas discussões urgentes para os indígenas que vivem em uma cidade como São Paulo: os conflitos com as grandes construtoras que se apropriam cada vez mais dos territórios indígenas, e o racismo sofrido por eles, respaldado pelo Ministério Público. O MP estadual entende que os indígenas moradores da região metropolitana – por usufruírem das mesmas estruturas e dos espaços que os não indígenas – perdem o direito ao território e às suas identidades. Os comunicadores indígenas do grupo ao qual Werá pertence atuam na promoção da conscientização da sociedade e negociação com as instituições na luta pelos direitos indígenas porque sabem que não têm o apoio ou a devida cobertura da mídia hegemônica para causas como essas.

Sobre o conceito da identidade indígena, Demarchi e Gomes (2022) afirmam:

A identidade é um conceito utilizado para descrever algo que é diferente dos demais, ao mesmo tempo que é idêntico a si próprio, pois além de marcar a diferença, também cria relações de pertencimento, participação, igualdade, bem como de segregação e distanciamento (Demarchi; Gomes, 2022, p. 13).

Bitate ressalta que a produção e a condução das entrevistas feitas pelos próprios indígenas fazem toda diferença diante da resistência dos mais velhos em se abrir com os não indígenas. Um dos traços marcantes das *etnomídias indígenas* é o grau de confiança entre fonte e entrevistado quando ambos são indígenas, a entrega do entrevistado é muito maior. Comentário que também nos remete à entrevista de Alexandro para a *Yandê* e ao documentário produzido por ele.

"As práticas etnomidiáticas indígenas não podem ser reduzidas a caixinhas formatadas por nós, não indígenas, sobre o que são ou não são" (Gomes, Guedes, 2021, p. 444). A produção etnomidiática é algo mais do campo da escuta com o corpo, corpos indígenas em interação. Não por acaso, o resultado extrapola o senso comum e dá sentido às *etnomídias indígenas*.

Ao longo do *videocast*, os participantes abordam, ainda, a atenção dada à produção cinematográfica por entenderem o valor do registro para o resguardo das tradições e culturas, o que nos lembra o trabalho de Alexandro e o grupo de jovens cineastas da sua etnia, conforme destacado na entrevista concedida à *Yandê*.

Considerações finais

Neste artigo, optamos por fazer um breve panorama da educação intercultural indígena, observar a perspectiva estratégica de criação das *etnomídias Rádio Yandê e Mídia Indígena* e analisar duas produções disponíveis no *YouTube*, buscando apontar o viés educacional nelas contido e os aspectos que justificam a condição de contranarrativas. É inegável o diferencial do resultado das produções *etnomidiáticas* advindo do olhar dos comunicadores indígenas para as próprias causas e culturas.

Pensar as *etnomídias indígenas* pelo viés educacional é pensar na articulação entre saberes, em regimes de conhecimento que se afetam mutuamente sem anular as especificidades de cada cultura. As *etnomídias indígenas*, além de fonte segura de informação para os povos originários, são um material didático a mais nas escolas e demais instituições culturais. Podemos pensar em um processo de retroalimentação entre as *etnomídias indígenas* e a sala de aula, ou seja, produções que fomentam os debates escolares, e aulas que fomentam as produções *etnomidiáticas*, conforme destacam Anápuàka Tupinambá e Erisvan Bone Guajajara. Entendemos que a seleção dos temas, as abordagens, a linguagem e a utilização das tecnologias digitais nas produções contribuem para a identificação e o diálogo com a juventude indígena.

A *Rádio Yandê* e a *Mídia Indígena* correspondem a *etnomídias indígenas* em construção, carentes de colaboradores, de recursos técnicos e financeiros para manutenção das estruturas e desenvolvimento de novas produções, mas já conquistaram uma fatia significativa do território midiático e possuem relevante histórico. O esforço dos respectivos coletivos na produção dos conteúdos decoloniais e compartilhamento nas redes sociais digitais denotam a capacidade de resistência e firmeza no propósito.

A despeito das limitações, observando as produções destacadas neste artigo, cessando estudos sobre o tema produzidos em instituições como UFMG²², UFMT²³, UFT²⁴, Unisinos²⁵, pesquisas em desenvolvimento pelo autor deste artigo e por outros pesquisadores, as *etnomídias indígenas* têm sido exitosas no desafio das contranarrativas e são importantes aliadas da educação intercultural indígena.

Referências

BANIWA, Gersem. **Cenário contemporâneo da educação escolar indígena no Brasil**. Relatório apresentado ao Ministério da Educação: Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/releeicebcnerev.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2023.

BANIWA, Gersem. **Educação escolar indígena no século XXI: encantos e desencantos**. Rio de Janeiro: Mórula; Laced, 2019. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/F3L00006.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2023.

BANIWA, Gersem. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola ideal e a escola real: os dilemas da educação escolar no Alto Rio Negro**. 2011. 368 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

BONE GUAJAJARA, Erisvan. **Mídia Índia é reconhecida com o Prêmio Joan Alsina de Direitos Humanos da Espanha**. Entrevista concedida ao Portal Amazônia Real, dez. 2020. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/midia-india-e-reconhecida-com-o-premio-joan-alsina-de-direitos-humanos-da-espanha/>. Acesso em: 19 nov. 2022.

CARNEIRO, Raquel Gomes. **Sujeitos comunicacionais indígenas e processos etno-comunicacionais: a etnomídia cidadã da Rádio Yandê**. 2019. 194 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

22 Seminário FIEI – 2020/2: Culturas digitais e mídias indígenas. Etnomídias indígenas. Faculdade de Educação – FAE-UFMG. 15 fev. 2021 [Live]. Disponível em: <https://fiei.fae.ufmg.br/seminario-fiei-2020-2/>. Acesso em: 5 jan. 2024. XAKRIABÁ, Zawre. Rádio Xakriabá: um instrumento de luta e de comunicação. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas) – Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: https://www.fae.ufmg.br/biblioteca/wp-content/uploads/sites/7/2023/01/PERCURSO_DEUSIVAN_VERSAO_Deusivan.pdf. Acesso em: 10 jan. 2024.

23 SOUZA, V. G. P. de; Costa, R. C. Etnomídia Indígena como narrativa das resistências. Revista Extraprensa, v. 14, n. 2, p. 438-451, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2021.185427>. Acesso em: 15 de jan. 2024

24 DEMARCHI, A. L. C.; GOMES, D. dos S. (2022). Etnomídia: contranarrativas indígenas nas redes digitais. Revista Extraprensa, 16(1), 5-23. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2022.198385>. Acesso em: 15 jan. 2024.

25 CARNEIRO, Raquel Gomes. **Sujeitos comunicacionais indígenas e processos etnocomunicacionais: a etnomídia cidadã da Rádio Yandê**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

CORRÊA, Marcos; ROZADOS, Vinícius. A netnografia como método de pesquisa em ciência da informação. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 145-175, 2017.

DEMARCHI, André Luis Campanha; GOMES, Debóra dos Santos. Etnomídia: contra-narrativas indígenas nas redes digitais. **Extraprensa**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 5-23, jul./dez. 2022

FERREIRA, Ricardo Alexino. Etnomidialogia: diversidade e sua interseção com a difusão científica. **Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade**. Textos Intercom 2015. Disponível em: <https://cocimes.wordpress.com/2015/09/03/textos-intercom-2015-9/>. Acesso em: 13 maio 2023.

GOMES, Débora dos Santos. **Etnomídias indígenas: contra-narrativas indígenas nas redes digitais**. 2022. 76f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Comunicação e Sociedade) – Universidade Federal do Tocantis, Palmas, 2022.

KOZINETS, Robert: **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

MALDONADO, Alberto Efendy; TUPINAMBÁ HÃ HÃ HÃE, Anápuàka Muniz; CARNEIRO, Raquel Gomes. "VOCÊ OUVIU A RÁDIO YANDÊ, A RÁDIO DE TODOS NÓS": ContraCorrente: **Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas**, [S.l.], n. 17, p. 8-30, dez. 2021. ISSN 2525-4529. Disponível em: <https://periodicos.uea.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/2535>. Acesso em: 11 out. 2024.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do Movimento Indígena (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012.

MUNIZ TUPINAMBÁ, Anápuáka. **Rádio online Yandê mantém programação para valorizar cultura indígena**. Entrevista concedida ao Portal Rede Mobilizadores, jun. 2016. Disponível em: <https://mobilizadores.org.br/noticias/radio-online-yande-mantem-programacao-para-valorizar-cultura-indigena/>. Acesso em: 20 set. 2022.

PAPPIANI, Angela. Programa de Índio: criando uma ponte sonora entre as culturas. **Novos Olhares**, v. 1, n. 1, p. 107-118, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2012.51452>. Acesso em: 20 mar. 2023.

PIMENTEL, Spensy. **O índio que mora na nossa cabeça**: sobre dificuldades para entender os povos indígenas. São Paulo: Prumo, 2012.

SOUZA, V. G. P. de; COSTA, R. C. Etnomídia Indígena como narrativa das resistências. **Revista Extraprensa**, v. 14, n. 2, p. 438-451, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2021.185427>. Acesso em: 14 abr. 2023

TAUKANE, Darlene. Avanços e impasses na educação escolar indígena: a experiência do Kuirâ-Bakairi. In: **Questões de educação escolar indígena**: da formação do professor ao projeto de escola. Brasília: Funai/Dedoc; Campinas: ALB, 2001.

TERENA, Naine. Lentes ativistas e a arte indígena. **Zum**, São Paulo, 3 dez. 2019. Disponível em: <https://revistazum.com.br/radar/arte-indigena/>. Acesso em: 17 abr. 2023.

TORRICO, Erick. Decolonizar la comunicación. In: CONGRESO INTERNACIONAL COMUNICACIÓN, DECOLONIZACIÓN Y BUEN VIVIR, 1., 2015, Quito. **Anais [...]**. Quito: Ciespal, 2015.

TUPINAMBÁ, Renata Machado. Yandê, Etnomídia indígena e educação. **Revista Cátedra Digital**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 5, 2018.

TUPINAMBÁ, Renata Machado. **Eu quero ligar a TV e ter ali um conteúdo produzido por indígenas**. Entrevista concedida ao Portal Povos Indígenas do Brasil, dezembro de 2018. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/%E2%80%9CEu_quero_ligar_a_TV_e_ter_ali_um_conte%C3%BAdo_produzido_por_ind%C3%ADgenas%E2%80%9D. Acesso em: 7 ago. 2022.

TUPINAMBÁ, Renata Machado. Etnomídia, uma ferramenta para a comunicação dos povos originários. **Brasil de Fato**, ago. 2016. Disponível em: <https://www.brasildefatopr.com.br/2016/08/11/etnomidia-por-uma-comunicacao-dos-povos-originarios>. Acesso em: 4 mar. 2022.

Recebido em: 30 abr. 2024
Aprovado em: 27 ago. 2024